

EXPLORAÇÃO

Kaingang e Guaraní enganados

O roubo da madeira continua

Tanto o IBDF como a Funai reconheceram sua omissão nos sucessivos roubos de madeira na área dos Kaingang e Guaraní. Os interesses e a interferência de grandes madeireiros e granjeiros ali, continuam a preocupar, principalmente quando pouco ou nada se faz para impedir a exploração das terras indígenas.

O mais grave, segundo se verificou, é que, mesmo formulando denúncias o chefe do Posto Indígena de Guarita não é ouvido pelo órgão tutor, que mostra-se mais preocupado em cobrar os 30% sobre o valor da colheita feita pelos colonos arrendatários das terras.

No final de agosto, acatando sugestão do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela - RS, 67 pessoas representando 10 sindicatos, órgãos federais, IBDF, Funai, Cimi, CPT e Igreja Evangélica de Confissão Luterana (IECBL), além de instituições e organismos como a Fidene, Fetag e Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAI), reuniram-se para discutir a grave situação desses dois povos.

Durante quatro horas, o tema, foi vez ou outra desviado, embora se discutisse a fundo o posicionamento do PI Guarita diante dos acontecimentos. Concluiu-se, após os debates, pela redação de um documento (Carta de Redentora), onde as entidades, órgãos e instituições pedem a urgente demarcação das terras indígenas no país.

TEMENDO AGRESSÕES

Tão deprimente quanto a situação dos índios, tidos pela mentalidade colonialista da maioria da população regional como "preguiçosos e vagabundos" é a do funcionário da Funai, Rui Cotrim Guimarães. Trabalhando numa área onde a madeira está sendo vendida a Cr\$ 1.500 por carga, ou mesmo em troca de três garrafas de pinga, ele já se sente impotente para conter a invasão branca.

Algumas denúncias de Guimarães: "A cada dia que saio da área sou atropelado por caminhões de madeira, deixando a terra indígena. Chega a sair Cr\$ 2 bilhões em madeira por dia e até sanfoneiro está mudando de ramo. Tem índios arrendando até 600 hectares e outros que não tem nem sequer um hectare para plantar. Branco só aprende quando leva prejuízo: foi assim em Rio das Cobras, Nonoai, e aqui vai ter que ser a mesma coisa. Eu estou sempre ameaçado e tenho medo que os donos de caminhões de madeira presos aqui no Posto (três) venham agredir a gente".

Há grandes irregularidades na reserva de Guarita: enganado, o índio Agripino denunciou o roubo de madeira, depois, ele mesmo vendeu 10 caminhões e ficou quieto. A monocultura está empobrecendo todos os pequenos agricultores da redondeza, deixando-os sem condições de sobrevivência, enquanto os índios só vêem futuro na soja. Ultimamente, os Kaingang têm bebido água envenenada, devido às grandes lavouras próximas às aldeias, e à utilização indiscriminada de pesticidas e adubos químicos pelos colonos.

Por essas e outras, o funcionário da Funai, não esconde sua indignação: "Eu me sinto como um embaixador do branco entre os índios, na área de Guarita. Não posso mudar a chefia deles. Por mim eles ficam até dois mil anos aí".

Há três meses, quase todas as noites, vários caminhões de madeira saem da área indígena transportando cargas até 300 quilômetros longe dali, a fim de evitar a apreensão. Ainda, segundo Guimarães, "um dia a Polícia prendeu, em Miraguai, um caminhão de madeira; aí chegou o cacique e mais uns brancos, pedindo que soltassem logo o caminhão, se não iriam se complicar". O veículo teve sua liberação imediata, segundo o vice-prefeito de Miraguai.

SINDICALISTA: "PROBLEMA AGRAVA-SE"

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tenente Portela, Walter Irber, sente que o patrimônio indígena está sendo depredado totalmente. Ele justifica a razão do encontro onde se debateu o roubo de madeira:

— Resolvemos fazer esse encontro com as forças vivas de nossa região, já que as autoridades não tomaram providências nenhuma. Caberia unicamente a elas, fazer esse levantamento da situação. Indicamos os culpados pela corrupção que está havendo dentro da área indígena: os brancos. Vendo isso, não poderíamos nos omitir diante do grave problema.

O sindicalista entende haver "uma grande omissão" daqueles que "têm que cuidar do patrimônio indígena": "A própria Funai, se omitindo e lavando as mãos; o IBDF, que é o órgão fiscalizador da fauna e flora brasileira, jogando o corpo fora e fechando os olhos;

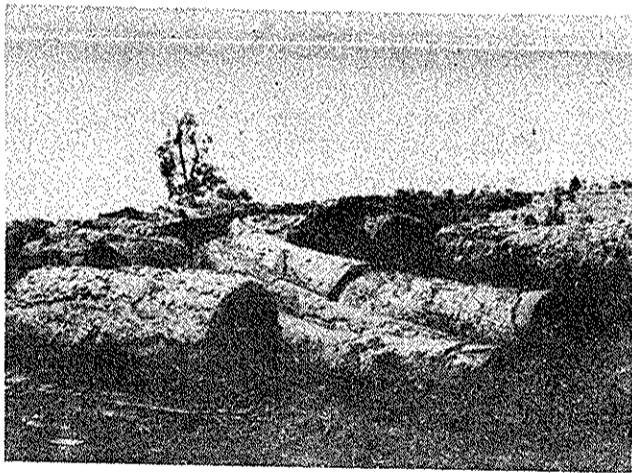
inúmeros prefeitos solicitando o amolecimento da lei — tudo isso é lamentável, tremendamente lamentável".

A corrupção na área, conforme as acusações de Irber, vem se acentuando há vários meses, embora somente agora tenha havido uma denúncia séria por parte da Igreja, Anai, e Cimi. Por isso, ele sugere uma cobrança de enérgicas providências contra os abusos. Citando outros problemas da área dos Kaingang, lembra o líder rural que "a maioria dos que plantam nas terras indígenas são os grandes, porque latifundiários tem costa quente e as leis são feitas ao seu prazer, enquanto pequeno, ou seja, a maioria — 80% —, já se retirou da reserva rumando para outras regiões do país". "Nós sabemos — reiterou —, que tem gente aqui de nossa reigão de Tenente Portela, dando trabalho em áreas dos Xavante, em Barra do Garças-MT. Então, existe um problema tirado daqui e levado para lá, usando-se o pequeno como cobaia desses projetos de colonização".

"ARRENDAMENTOS"

Cerca de 400 famílias brancas vivem da lavoura nas terras indígenas dos 2.400 Kaingang e Guaraní. Alguns índios facilitam a retirada da madeira, que é trocada com os brancos por velhos automóveis. Nos últimos três anos os arrendamentos vêm sendo feitos sem a intermediação da Funai. O índio arrenda diretamente para o branco, através de contratos verbais, ou simplesmente faz constar que fulano arrenda determinada área para beltrano. Só o tuxaua Sebastião, seu filho Felipe e o substituto Ivo arrendaram, em 1979, para granjeiros, aproximadamente 1.200 hectares.

Para Sebastião, conhecido por "Alfaiate", "gente pobre dentro da reserva não dava lucro". Por isso ele começou a facilitar o acesso dos grandes agricultores à área. Contribuiu para essa nefasta situação, um gesto



A exploração indiscriminada da madeira dos índios continua (Foto: arquivo do Cimi)

característico da Funai atual: o órgão tinha seus "projetos" agrícolas ali, com oito tratores, duas ceifadeiras, duas automotrizes, e plantava 500 hectares de roça comunitária, onde os índios trabalhavam duro mas não viam a cor do dinheiro. Tudo foi leiloado, restando dois tratores novos sem qualquer utilidade na área.

O pastor Sílvio Schneider, da igreja Evangélica de Confissão Luterana, mostra sua visão do problema: "O homem branco com dinheiro e bens, corrompe o índio, obrigando-o a arrendar suas terras. Repudiamos a todos os que se aproveitam do índio no país, baseando-se no caso concreto de Guarita, onde os obreiros da missão indígena presenciaram a venda ilegal da madeira".

PROMESSAS DO IBDF

Segundo o prefeito de Tenente Portela, Israel Capetalli, o desvio de madeira nos 10 hectares de mata nativa incrustados na reserva (totaliza 23.600 hectares) é rotina diária. Na realidade, ele assegura que "sempre houve corte de madeira, desde o tempo em que não existia a Funai, e sim o Serviço de Proteção ao Índio (SPI)", a ponto de existir naquela época, dentro da reserva, uma serraria, hoje desativada, embora os próprios índios ganhem em vê-la trabalhando novamente. Mas foi a partir de janeiro deste ano, que os ataques à mata intensificaram-se. Cortada à noite, a madeira é retirada e vendida às serrarias de Palmitinho, Redentora, Herval Seco, Miraguai e também Tenente Portela. Quem a compra jamais confessa o fato, valendo-se ainda de uma transação a frio, sem nota.

A tudo isso, o IBDF assiste sem condições de tornar rígida a fiscalização. Alegações do seu representante na área: "As denúncias de roubo de madeira da área, infelizmente foram confirmadas. Mais de uma dezena de serrarias ilegais foram lacradas, mas não podemos levar os índios aos tribunais. Eles tiveram a coragem de desarmar a Polícia Federal. Por que esses mesmos índios não atacam os caminhões que tiram madeira da área? Mesmo assim, o IBDF vai fiscalizar rigorosamente as matas ainda existentes na região, e para tal possui um satélite americano à sua disposição".

OS GRUPOS CONTRA ÍNDIOS E COLONOS

No seu raciocínio final sobre a questão, o sindicalista Walter Irber queixa-se de que quando tentou-se unir os pequenos agricultores para um trabalho de conscientização junto ao índio, houve muitas dificuldades. "Lá na cúpula indígena está implantado o sistema do branco, a repressão. Nos queremos chegar a uma forma de juntar novamente essas orças, porque o pequeno agricultor está no mesmo barco do índio e estamos nos afundando. Mas isso é jogada desses grandes grupos, para que o agricultor tenha uma certa raiva do índio, e este também, do branco. Enquanto durar esse conflito, nós não ganharemos a Reforma Agrária e não garantiremos o nosso direito à terra. Queremos toda ajuda da Anai e do Cimi, para um trabalho que começa agora", acrescentou.